

O PESO DE NARRAR

LIVRO Chico Buarque tem os modelos certos, mas hesita na direção do grande romance

POR ROSANE PAVAM

Chico Buarque está atrás do romance. Não deste contemporâneo, despedaçado. Ele quer o melhor romance do século XIX, aquele de Machado de Assis. Em *Leite Derramado*, sua quarta ficção, cita a situação literária do ciúme, embora este argumento esteja presente no *Otelo* de William Shakespeare e tenha sido magistralmente desenvolvido, em terras brasileiras, pelo *Dom Casmurro* de 1899.

Mas não é só isso o que Chico faz.

O autor de *Leite Derramado* também olha na direção de outros gigantes. Ele procura revelar a sociedade sem mediações e justiça que seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, detectou em *Raízes do Brasil*. E a expressão "leite derramado" também remete à *madeleine* que puxa o fio do passado na trama *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. A marca de Chico Buarque, a citação, é idêntica à de qualquer outro escritor atual. O problema não é citar, mas a maneira de fazê-lo.

Chico Buarque tem uma história canônica na literatura brasileira, como um cultor do épico popular. Não houve melhor cancionista na atualidade do que ele. Chico falou a homens, mulheres, malandros e traídos. Corajosamente ralhou com o governo militar em sua fase mais dura. É um moralista que todos reconhecem e aplaudem. Morta a canção, a alta literatura parece lhe ter surgido como chamado.

A qualidade inalcançável de Chico como compositor, con-

tudo, ainda não tem equivalente em suas ficções. Ele não domina a dinâmica, a duração, a calma para narrar uma trama intrincada e silenciosa. A solidão do romance é sem igual. *Leite Derramado*, por exemplo, embora advogue a herança de inestimáveis tradições, assimilou-as confusa e pesadamente. O resultado disto é um livro que se arrasta.

Pode-se ponderar que o peso e a confusão sejam inerentes ao argumento de seu romance. E o argumento, diga-se, é belíssimo. Na cama do hospital, um velho de imprecisos 100 anos traça a histó-

ria das mentalidades no Brasil. O protagonista nasceu de uma família patriarcal escravista e, com o tempo, acolheu a miscigenação como uma fatalidade entre os seus. Usou e abusou de viver em uma sociedade de moral fluida. E agora está falido, desmemoriando como o Brasil, tentando, contudo, manter o alto-astral.



A OBRA. *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Companhia das Letras, 200 págs., R\$ 36

tá-las, certamente não com a mesma leveza manejada pelo autor do passado. E por que o faria?

A melhor página deste livro talvez seja a de número 115, em que Chico Buarque larga a mão de se conter, escrevendo sem cartilha ou sobressaltos. Nessa página, o protagonista vê a traição desenhar-se no horizonte de sua Capitana negra, Matilde. Ele avança a cada passo com objetivo de pegá-la de jeito, erra e recua. É um bom Chico nesse trecho, um escritor com vontade de transferir o pulso de suas palavras ao leitor. Mas o bom Chico, o que usa os vocábulos magistralmente com um objetivo narrativo, parece eventual no livro.

Os personagens e as situações literárias de *Leite Derramado* não se encaixam, porque sofrem de uma indefinição de partida. Chico hesita entre tantas influências. Desde Estorvo, há um narrador indiferente em seus livros. Agora, o escritor coloca seu personagem principal à procura de interação, sem encontrá-la, principalmente sob o aspecto formal. Tempo haverá para novas tentativas. Literatura é caminho árduo, para Chico Buarque ou qualquer outro detentor do talento da escrita. ■

